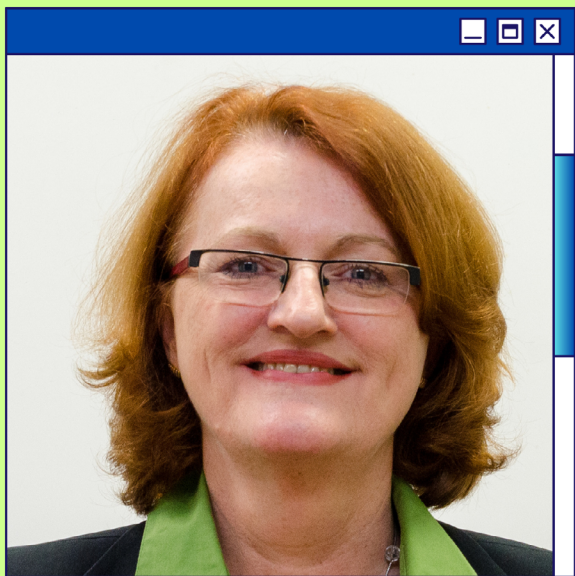


Tecnobiografia



**DOROTEA  
Frank KERSCH**





# **DOROTEA** **Frank KERSCH**

led

# Tecnoapresentação

Há pelo menos três décadas, temos contato com estudos que se debruçam sobre as relações entre linguagem e tecnologias, buscam compreender como as tecnologias digitais influenciam nossa vida, mas também a educação, os letramentos, a comunicação e muito mais. Há muito tempo lemos os textos e livros publicados por pesquisadoras e pesquisadores absolutamente fundamentais para nossas reflexões, na maioria das vezes em obras derivadas de investigações científicas ou em artigos formatados conforme as normas da ABNT, em linguagem acadêmica. Nesta série de livros, resolvemos conhecer um pouco as pessoas por trás dos pesquisadores e pesquisadoras, livros e artigos. Como foi o primeiro contato desses professores e professoras com computadores, smartphones, aplicativos? Quando isso aconteceu e por quê? Que relação essas pessoas mantêm com as tecnologias e como chegaram à conclusão de que dedicariam muitos anos de suas vidas à investigação científica de temas e objetos tecnológicos? Nossa curiosidade biográfica nos levou então a fazer um convite a alguns docentes Brasil adentro. Nosso pedido era simples: conte-nos sua vida com as tecnologias digitais? Como tudo começou? Quais foram suas primeiras impressões? O que você sentia? Conte isso em linguagem livre; são permitidos afeto e memória.

Bem, a série Tecnobiografias nasceu assim e estamos felizes por realizá-la no âmbito de uma parceria entre o projeto de extensão (núcleo de atividades formativas em Letras/Edição) Aula Aberta e a LED, editora laboratório do nosso bacharelado no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. Vale dar uma boa olhada na página de crédito destes livros, onde explicitamos a enorme equipe de estudantes e professores envolvida nesta empreitada editorial, vale dizer, estudantes de ensino médio, graduação e pós-graduação.

O primeiríssimo convite para escrever uma autotecnobiografia foi à professora Vera Menezes, da UFMG, pioneira em estudos de linguagem e tecnologia, referência sobre o assunto na Linguística Aplicada e áreas conexas. A ideia de trabalhar com tecnobiografias nos chegou por meio dela e assim, o feitiço abraçou a feiticeira. Para nossa alegria, a professora Vera aceitou o convite imediatamente e foi rápida na entrega do texto original.

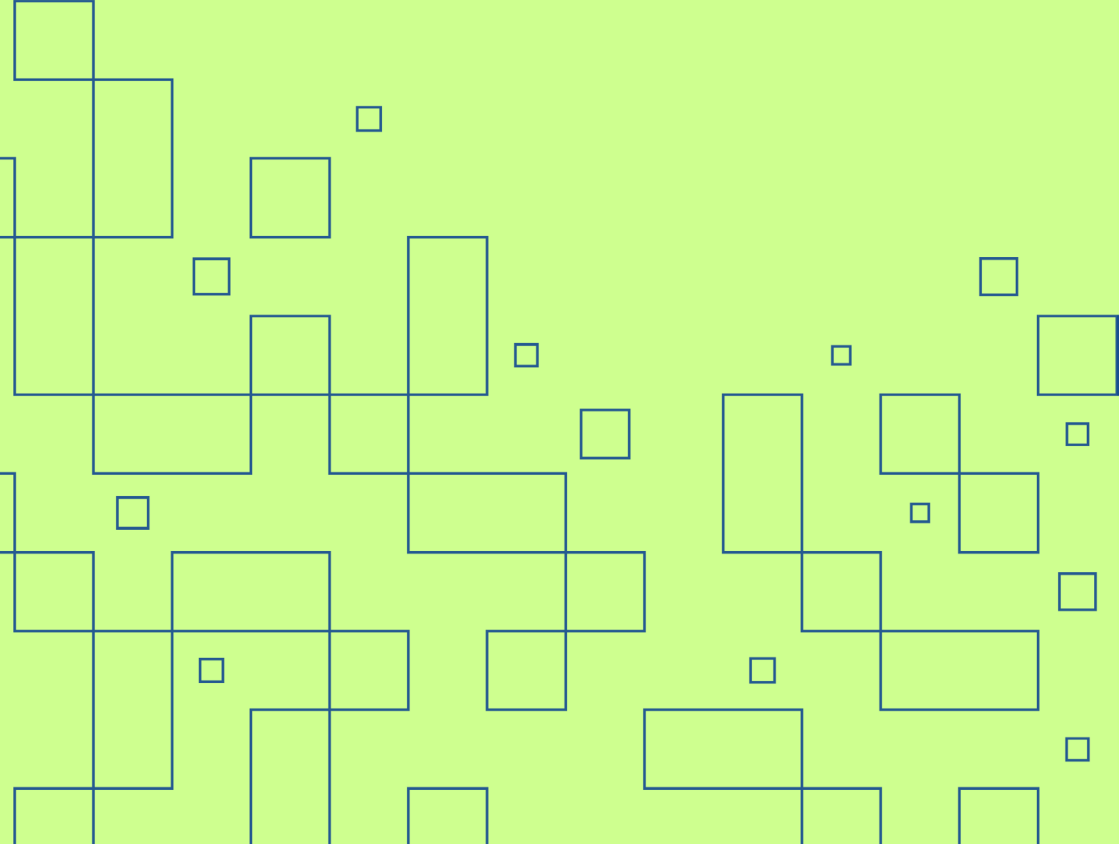
Na sequência, chamamos outras pesquisadoras e outros pesquisadores de linguagem e tecnologia, que nos ajudarão a realizar uma série de deliciosas tecnobiografias escritas por eles e elas, exclusivamente para o nosso projeto. A série não prevê um fim, ficará em aberto, sem limites visíveis. Infelizmente, perdemos a chance de conhecer a tecnobiografia da professora Magda Becker Soares (UFMG), que faleceu em 1º de janeiro de 2023, sem nos entregar um original. O aceite rápido e carinhoso que ela nos enviou, um dia, jamais será esquecido. É por isso que dedicamos então esta série a ela, que tanto nos ensinou sobre aprender a ler e a escrever, inclusive na cibercultura.

Neste volume, vamos saber como a professora Dorotea Frank Kersch, da Unisinos, no Rio Grande do Sul, teve contato com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e as tornou seu assunto ao longo de décadas de dedicação à Linguística Aplicada. Vejamos como ela narra sua tecnovivência.

Boa leitura!

Ana Elisa Ribeiro  
DELTEC · CEFET-MG/ CNPq

# Tecnobiografia



## Da vitrola e do vinil ao Spotify e digital (e a constituição da minha tecnobiografia)

Nasci num vilarejo no interior de Concórdia, Santa Catarina, hoje submerso em função da barragem de Itá (com a represa do rio Uruguai naquela região). No vilarejo, havia uma igreja, um armazém, uma escola (escola isolada estadual, com classes multisseriadas), um salão de bailes, um moinho, uma ferraria (supernecessária em função das rodas de carroças e dos cascos dos animais) e um “posto” da Sadia, que vendia (ou intermediava, não recordo exatamente) produtos para a criação de porcos, uma das atividades “rentáveis” dos meus pais.

Em casa, havia um rádio em que ouvíamos as notícias e um programa de músicas de “bandinhas”, muito características nos hábitos de descendentes rurais de alemães que residem no Sul do

---

<sup>1</sup> Curiosamente, quis deixar um link para quem não é do Sul do Brasil para saber do que falo, mas não encontrei definição. Encontrei [este grupo do Facebook](#) que pode dar uma ideia do que embalava minhas tardes de sábado (ou sábados à noite, se por acaso acompanhasse meus pais a algum baile – meu pai, aliás, amava dançar).

Brasil. Meu pai queria muito uma vitrola (ele a conheceu na casa do irmão mais novo, que tinha “mais posses”) para ouvir suas músicas preferidas quando desejasse. Assim, um dia, eu devia ter uns oito anos, alguém foi lá em casa com um catálogo de radiovitrolas. Fui consultada para ajudar a tomar a decisão: uma era mono e a outra, stereo. Como não entendíamos do que o vendedor falava, ele explicou: uma toca com todos os instrumentos juntos nas duas caixas de som da radiovitrola, enquanto a outra separa os sons dos instrumentos. Meus pais e eu fomos trocando ideia: não, isso não é necessário, a gente só quer ouvir. Assim, foi adquirida uma bela radiovitrola, e o velho rádio foi substituído.

Creio que esse foi o primeiro equipamento “mais tecnológico” que entrou na minha vida. Meu pai amava música, bailes e dança. Minha mãe, nem tanto. Ela, apesar da pouca escolaridade, gostava de ler e sonhava com histórias de amor para suas filhas. Ela via que a leitura estava presente nas pessoas mais bem-sucedidas, como o pastor da igreja, por exemplo. Bem, ela soube que existia televisão, e ali passavam notícias, histórias de amor, novelas. Aí entrou o segundo equipamento tecnológico em casa: uma TV SEMP, com imagem em preto e branco. Já não encontrei a imagem correta do que foi a primeira (e única) TV da casa dos meus pais, mas era mais ou menos isto:



Radiovitrola  
Fonte: Facebook.



Primeira TV  
Fonte: OLX.

Obviamente, pela distância de que morávamos da “repetitora”, era uma aventura conseguir visualizar algo entre os chuveiros. As notícias passaram a ser vistas no Jornal Nacional, e minha mãe podia, após o programa, assistir à novela das oito (quando ela realmente passava às oito). Meus pais não passaram pelas mudanças pelas quais a TV passou: do preto e branco ao colorido, do analógico ao digital; também não vivenciaram o *streaming*, tampouco passaram do tubo para a tela plana. Essas vivências ficaram para filhas e filhos, netas e netos e bisnetas. Também não experienciaram a era do controle remoto, até porque ele teria pouca utilidade, em função de em casa “pegar” um único canal.

Na casa dos meus pais não havia máquina fotográfica. Para isso, era necessário ir a um estúdio com a família – e todos se “produziam” para tal – e fazer algumas poucas fotos, com as quais presenteávamos compadres/comadres e padrinhos/madrinhas. Ou então em celebrações importantes, como casamentos, em que havia fotógrafo. Isso significa que tenho pouquíssimas fotos de minha infância e adolescência.

Voltando ao meu “desenvolvimento” tecnológico, percebo que há um lapso. Parece que pouca coisa a mais entrou na minha vida, mas sair do interior (bem interior – minha casa ficava a dois quilômetros, que eu fazia a pé, daquela “área central” onde ficava a escola) para, com onze anos, morar, trabalhar e estudar na cidade certamente fez com que eu desenvolvesse múltiplos letramentos e capacidades.

Depois de casada, iniciamos com uma TV Philco portátil, em preto e branco, que podíamos levar a qualquer aposento da casa, inclusive para outros lugares, como para a praia, para onde íamos por duas semanas todos, os anos. Tínhamos também um “2 em 1”, um rádio gravador que permitiu, por exemplo, que eu gravasse as primeiras falas dos meus filhos. Nossa TV era mais ou menos assim:





TV portátil.  
Fonte: Leilões Vitória.

Dos anos 1990 em diante, as mudanças e evoluções começaram a acontecer muito rapidamente, tanto que, na nossa casa, não tivemos a fase da TV 29 polegadas. Passamos diretamente daquela TV portátil para a TV de tubo, colorida, e depois à TV de tela plana. Já não tivemos vitrola, mas toca-discos, que rapidamente ficou obsoleto, porque passamos ao “3 em 1” (*micro system*), que já reunia analógico e digital. Confesso que tive de pensar muito o que seria o “3 em 1”, até que lembrei: rádio (AM/FM), toca-fitas, e toca CDs. Como se vê, os saltos começaram a se dar muito rapidamente. Tivemos videocassete de duas cabeças, depois quatro cabeças e aí DVD *player*. Passamos diretamente à TV a cabo (sem passar pelo *blu-ray*). Alguns equipamentos que ficam mais tempo em nossas vidas vão deixando histórias (muitas das quais vou me lembrando agora enquanto escrevo). Por exemplo, o primeiro filme a que assistimos em família, em videocassete, foi *Tomates Verdes Fritos* (de 1991).

Telefone, até os finais do século passado, era artigo de luxo. Era necessário se inscrever e... esperar, uma vez que não se com-

prava o telefone em si, mas ações da companhia telefônica, e era preciso ter uma possibilidade no bairro de acrescentar mais um. Enquanto não se tinha telefone, alimentava-se um hábito muito saudável: a escrita de cartas. No meu caso, eram para minha mãe e minhas irmãs. Esse hábito eu mantive apenas com meus pais – mais especificamente minha mãe, até o fim de sua curta vida (ela se foi aos 54 anos). Eu a via sempre no Natal, que era *o evento* do ano da família. Ao longo do ano, eram as cartas que diminuían a saudade e nos mantinham informadas uma da outra.

Quando fomos contemplados com um telefone, vieram algumas facilidades: eu podia, então, telefonar para minhas irmãs (e conversar muito). Não a qualquer hora do dia, porque, durante o horário comercial, era mais caro. Assim, ou se faziam as ligações no fim de semana ou após as 20h. Com telefone em casa, o envio de cartas para minhas irmãs foi diminuindo, diminuindo... até deixar de existir. Depois do tão esperado e desejado telefone entrar na nossa casa, tudo passou muito rápido... e entramos na era da mobilidade, a era do telefone celular. O nosso primeiro era mais ou menos assim:



*Primeiro celular.*  
Fonte: Pinterest.

Esse primeiro celular poderia ser classificado como um “orelhão de bolso” (ou de bolsa, já que seu tamanho não permitia que fosse levado no bolso), porque servia somente para isto: receber e fazer chamadas. Era necessário esticar a antena e procurar um lugar em que houvesse sinal. Mas, rapidamente, isso foi mudando: a Nokia conquistou o mercado brasileiro com telefones menores e mais acessíveis. Se eu fui ter meu primeiro celular com quase 40 anos, meus filhos o tiveram em torno de seus 16.



*Celular Nokia.*  
Fonte: Facebook.

Esse celular já vinha com novas funções e facilidades: sua antena era pequena (e não quebrava, tampouco precisava ser movida a cada ligação); com ele, era possível não apenas realizar e receber chamadas, mas também receber e enviar mensagens (os “torpedos”); e vinha com jogo(s), e o da “cobrinha” caiu no gosto dos adolescentes e jovens (até porque crianças não manuseavam celulares). À época, fiquei sabendo que já estavam lançando um celular que fazia fotos. Lembro que eu disse: “totalmente desnecessário, não vou querer, porque, para isso, tenho máquina foto-

gráfica”. É claro que pouco tempo depois eu tinha meu Android, com tela *touch*, que foi evoluindo e hoje tenho praticamente minha vida dentro dele.

Neste momento, tenho de voltar um pouco no tempo porque percebi que minha inserção no mundo tecnológico teve uma preparação importante: o curso de datilografia (que faz parte de minha história de letramento). Como disse no início, eu era uma menina de origem rural, com pais de baixa escolaridade, que teve o alemão como sua primeira língua. Mas minha mãe, apesar de ter estudado apenas até a segunda série do fundamental (ela tinha de ajudar no corte de cana, porque meu avô tinha alambique), sonhava com uma vida melhor para suas filhas e filhos, mais fácil e fora da roça. A profissão mais “honrosa” que ela conhecia era professora. Aliás, ela e meu pai ajudaram na mobilização do vilarejo para ter uma “professora normalista” formada, o que aconteceu quando eu estava na terceira série. Fui, portanto, alfabetizada com um professor leigo, que estudara até a quarta série (provavelmente o “mais estudado” do vilarejo, e que supostamente tinha “vocação” para tal). Não tenho nenhuma lembrança de como aprendi a ler, nem das “tecnologias” analógicas, além do quadro de giz, que tivessem sido usadas (nem mimeógrafo). Só lembro que éramos castigados/as com a perda do recreio se falássemos alemão durante as aulas ou no intervalo. Mas acho que eu já falava algo de português quando ingressei na escola, aos 7 anos, então eu não era excluída por causa disso.

Depois dos anos finais do ensino fundamental, fui para o magistério, conforme o sonho de minha mãe. Bem, para o “ofício” de professora era importante saber datilografar (eu teria de preparar material para os alunos, que seria reproduzido por meio do mimeógrafo). Mais adiante, já casada e sendo professora, eu tinha uma máquina de escrever Remington, que ficou conosco até que, já no mestrado, meu marido e meu irmão acharam que

eu deveria ter um computador que facilitasse minha vida. A máquina de escrever, portanto, é outro equipamento *vintage* que passou por minha vida (e que constitui minha tecnobiografia).



Máquina de escrever Remington.  
Fonte: Rosa Blue Antiguidades.

Em 1994, ao iniciar o mestrado, como disse antes, fui convencida sobre a necessidade de um computador. Era um 386, que depois recebeu um upgrade para 486 (meu irmão trabalhava num banco e “entendia” do assunto, e nos ajudou na compra, que foi parcelada, claro). Confesso que, quando comecei a fazer meus primeiros trabalhos na novidade que tínhamos em casa, tinha vontade de atirá-lo pela janela, porque eu facilmente perdia o que havia feito. Parecia que as folhas datilografadas da máquina de escrever, que formavam pilhas, me deixavam bem mais segura. Eu sempre sabia onde estavam... Mas, dada minha origem, fui ensinada a não me render diante das dificuldades. Assim, não demorou para que eu o dominasse (ou ele me dominasse). Mas ele era uma “super” máquina de escrever. Não lembro quando comecei a usar aplicativos que me auxiliassem a fazer outras coisas com ele, além de usar o Word e o PowerPoint. Quando iniciei

meu doutorado, em 2002, na Alemanha, adquiri meu primeiro notebook (nunca tinha me dado conta de que o avanço nos estudos também criou *upgrades* no meu letramento digital).

A partir desse momento, os avanços começaram a acontecer aos saltos, creio que impulsionados pela internet, que fez abandonar velhos hábitos, como o do caderno de receitas, por exemplo, para simplesmente buscar a receita no Google. Do mesmo modo que o telefone, a internet (que era discada e se ficava ouvindo uma notificação de “conectando”) também era cara. Por isso era preciso ficar mais tempo para buscar algo, e somente de madrugada. Para quem é desse tempo, [vale a pena lembrar o som](#). Ah, esse tempo é pré-Google. Eu fazia buscas no Cadê (pesquisando agora, descobri que esse site de buscas foi criado por dois brasileiros, em 1995). Evidentemente, quem é desse tempo sabe que não tínhamos a dependência que temos hoje do Google.

Confesso que, depois que perdi o medo de “mexer”<sup>2</sup>, fui descobrindo as funcionalidades que estavam disponíveis e que poderiam facilitar meu trabalho e minha vida. E faço descobertas quase diárias, seja sozinha, seja com filhos ou alunos e alunas: quando estava escrevendo este texto, por exemplo, ao inserir as imagens e procurar alguma função com o botão esquerdo do mouse, descobri que, ao clicar com esse botão sobre a imagem, é possível “inserir legenda” automaticamente. O Word numera e formata essa legenda (todas as legendas das imagens deste texto foram inseridas com minha nova descoberta). Imediatamente depois de aprender isso, mandei mensagem ao meu grupo de WhatsApp e... consegui ensinar algo a eles e elas!

Voltando à comunicação com familiares, que era inicialmente feita por meio de cartas ela passou a se dar por meio de telefonemas e mensagens instantâneas à medida que os celulares vinham com novas funções. Mas tudo isso tinha um preço, porque era

---

<sup>2</sup> Sou da geração: “Não mexe, que estraga!”

pago... É aí que entram os aplicativos de envio de mensagens. Em 2002, quando fui fazer o doutorado na Alemanha, já havia aplicativos de mensagens instantâneas: na época, usava o [ICQ](#) (que tinha uma notificação que, quem usou, nunca esquecerá) e o MSN Messenger, um serviço do Hotmail (que foi meu primeiro, e até hoje, principal serviço privado de e-mail). Acho que, inicialmente, ele não pertencia à Microsoft, mas não tenho certeza disso (busquei a informação no Google, mas não a encontrei). Naquela época, também o Skype entrou na nossa vida, e por meio dele era possível fazer chamadas de vídeo. E o que seria de nós hoje sem o Whatsapp, que é da última década? No início dos anos 2000, também comecei a acessar as mídias sociais, iniciando pelo Orkut, depois passando para o Facebook (mas mantendo minha fidelidade ao Orkut, até que ele deixou de existir).

Essas mudanças todas nos modos de nos comunicar, de ter lazer, de trabalhar, de ensinar e de aprender (teve a pandemia, em que aprendemos como fazer reuniões e dar aula on-line de modo síncrono, o ensino remoto emergencial) certamente mudaram quem somos, o que somos e como somos. Quando fui fazer meu doutorado no exterior e ser leitora de português na Christian Albrechts Universität, em Kiel, na Alemanha, levei (e depois trouxe de volta) caixas e caixas de livros. Poucos anos depois<sup>3</sup>, minha filha, na mesma empreitada, indo à Cornell University para seu doutorado, pôde lançar mão do digital e do acervo on-line.

Hoje meu smartphone é integrado ao meu notebook e não me imagino sem essas facilidades para trabalhar, curtir e dar aulas. Superei há tempos o "não mexe, que estraga", que é uma das primeiras coisas que compartilho e ensino quando dou aula ou ofereço cursos de extensão. Por meio das tecnologias digitais, portas

---

<sup>3</sup> Fiz doutorado tardiamente, com mais de 40 anos. Inclusive ouvi de uma colega na universidade: aos 40 não se faz doutorado, escrevem-se livros. Pois é, isso para pessoas que têm as oportunidades na "idade certa". Fiz isso quando os filhos estavam indo da adolescência para a idade adulta, aproveitei muito e, para compensar, escrevi e organizei muitos livros depois.

se abriram para mim, o que nunca teria acontecido se minha mãe não tivesse me empurrado para fora do ninho porque sonhava algo maior para mim e meus irmãos e irmãs. Ela não tinha ideia do que eu viveria após fazer magistério e fazer meu curso de datilografia. Tampouco ela viveu para ver uma TV colorida, sem chuviscos, podendo escolher o filme ou novela que quisesse ver num serviço de *streaming* (ou mesmo maratonar uma série ou novela). Tampouco meu pai viveu para ter sua *playlist* com as músicas dos Montanari e dos Futuristas, suas bandinhas favoritas disponíveis (até tive de checar se haveria essa opção no Spotify e, sim, ambas as bandas estão lá), sem precisar comprar os discos de vinil, que eram caros para a sua realidade. Talvez meus pais, com seus dedos grossos de trabalhar na lavoura, não conseguissem manusear um smartphone. Meu pai provavelmente diria “isso não é para mim”; minha mãe, assim como eu com meu 386, insistiria até conseguir.

A tecnologia – tanto a analógica quanto a digital, como se vê ao longo da tecnobiografia –, para mim não é ferramenta, não é uso, é mais do que isso: é constitutiva de tudo o que sou e faço. Como sei o que o curso de magistério e meu curso de datilografia significaram para minha vida, hoje trabalho para a inclusão digital de todos, no seu ritmo, dentro daquilo a que têm acesso. Trabalho fortemente na formação inicial e continuada de professores para que todos e todas consigam ver além da ferramenta, consigam ver oportunidades para se ressignificar, para que nunca tenham vontade, como eu, de atirar seu equipamento pela janela.



## **CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS – CEFET-MG**

DIRETOR-GERAL

Prof. Flávio Antônio dos Santos

VICE-DIRETORA

Profa. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

CHEFE DE GABINETE

Profa. Carla Simone Chamon

DIRETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Prof. Sérgio Roberto Gomide Filho

DIRETORA DE GRADUAÇÃO

Profa. Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

DIRETOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. Conrado de Souza Rodrigues

DIRETOR DE PLANEJAMENTO E GESTÃO

Prof. Moacir Felizardo de França Filho

DIRETOR DE EXTENSÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Prof. Flávio Luis Cardeal Pádua

DIRETOR DE GOVERNANÇA E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Prof. Henrique Elias Borges

DIRETOR DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Prof. Gray Faria Moita

### **DEPARTAMENTO DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA**

CHEFE

Profa. Dra. Lílian Aparecida Arão

CHEFE ADJUNTA

Prof. Dra. Ana Elisa Ribeiro

### **BACHARELADO EM LETRAS – TECNOLOGIAS DE EDIÇÃO**

COORDENADORA

Profa. Joelma Rezende Xavier

COORDENADOR ADJUNTO

Prof. Mariana Jafet Cestari.



#### COORDENADORA

Profa. Dr. Elaine Amélia Martins

#### VICE-COORDENADOR

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

#### COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

#### CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral (Uninter, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFMS, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (CEFET-MG, Brasil)

*LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.*

<https://www.led.cefetmg.br/>

led.cefetmg@gmail.com

## AULA ABERTA

© Dorotea Frank Kersch, 2023.

© desta edição, LED, 2023.

### COORDENAÇÃO

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Dra. Pollyanna de Mattos Moura Vecchio

### EQUIPE

Alícia Teodoro da Silva (Mestranda em Estudos de Linguagens)

Carolina Vasconcelos (Mestranda em Estudos de Linguagens)

Ellen Milena (Ensino Médio Meio Ambiente)

Lívia Souza (Graduanda Letras)

Malu Mayer (Graduanda Letras)

Vinícius Leite (Graduando Letras)

### SÉRIE

## AULA ABERTA

### COORDENAÇÃO E PROJETO EDITORIAL

Ana Elisa Ribeiro

### ASSESSORIA EDITORIAL

Samara Coutinho

### PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Alícia Teodoro

### CAPA

Ana Elisa Ribeiro e Alícia Teodoro

### FOTO DA CAPA

Arquivo pessoal da autora

### REVISÃO DE TEXTO

Lívia Souza

---

#### Catálogo na Publicação (CIP)

Kersch, Dorotea Frank  
K41d Dorotea Frank Kersch : tecnobiografia  
[livro eletrônico] / Dorotea Frank Kersch.  
– Belo Horizonte : LED, 2023.  
Recurso eletrônico ; 19 p. : il. color. – (Tecnobiografias ; v. 2)

Formato: pdf  
Modo de acesso: World Wide Web  
Projeto Aula Aberta  
ISBN 978-65-87948-28-7

1. Autobiografia I. Título. II. Série.

CDD: 923.7

---

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais  
Av. Amazonas, 5.253, Nova Suíça, Campus I, sala 242  
Belo Horizonte, MG, Brasil, CEP 30.421-169  
Telefone: +55 (31) 3319-7140

## SÉRIE

TECNOBIOGRAFIAS **AULA ABERTA**

*1 Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva*

*2 Dorotea Frank Kersch*

